

Crédito para empresas pode ter mudado de rumo

Empresários acusam bancos de terem desviado esses recursos para aplicações especulativas

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Alguns bancos podem ter se beneficiado com a escassez de linhas de crédito para o comércio. Empresários de comércio exterior afirmam que instituições financeiras desviaram fundos das linhas de comércio para aplicações mais rentáveis, como cupom cambial. Em vez de emprestarem para os exportadores por meio de Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC), que rendem entre 12% a 18% de juros, os bancos estariam destinando os recursos para o cupom cambial (juros em dólar), a 40%. “É lamentável que esta arbitragem esteja contaminando todo o sistema de financiamento corporativo”, diz Roberto Giannetti da Fonseca, ex-secretário-executivo da Câmara de Comércio exterior (Camex). “Quem deveria se beneficiar dessas linhas não está conseguindo, porque além de elas estarem escassas, parte do que sobrou está sendo usada para outros fins.”

Segundo o economista Emilio Garofalo, ex-diretor do Banco Central, essa arbitragem pode ser responsável pela diferença entre a percepção do mercado e os números oficiais de redução das linhas comerciais. O setor exportador fala em redução de 50% nas linhas, mas o Banco Central anunciou uma diminuição bem menor, de US\$ 2,5 bilhões em relação ao pico do ano passado. “Parte do crédito não foi cortada, mas pode não estar chegando até o exportador.” Garofalo espera que o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) ajude a reestabelecer as linhas no curto prazo. “Mas o BC poderia aproveitar os recursos do Fundo para oferecer linhas de crédito emergenciais para os exportadores, ao invés de só vender dólares”, diz. Com o acordo e uma queda nos juros do mercado, ele acredita que o

desvio das linhas deve diminuir, porque a diferença (spread) entre o ACC e o cupom cambial vai cair.

De acordo com empresários e economistas, os bancos estavam “travestindo” o financiamento a importações da seguinte maneira: empresas que queriam pagar importações à vista, sem recorrer às linhas de crédito, “fingiam” que financiavam suas importações. O insumo era pago à vista pelo banco no exterior e aqui a instituição aplicava o dinheiro da linha (a mesma de onde saem os fundos para os exportadores) em cupom cambial, e oferecia um bônus para seu cliente.

“Os bancos pensam: se eu posso ganhar 40% no cupom cambial, porque ganhar 12% emprestando para o exportador?”, diz Nathan Blanche, sócio-gerente da consultoria Tendências. Para ele, trata-se de um ajuste natural do mercado. “Se não tivesse ocorrido esse tipo de operação, o dólar ia ter subido muito mais:

a arbitragem tornou as linhas de crédito mais atraentes, garantindo um fluxo de dólares.”

Mas as empresas sem acesso às linhas de financiamento é que saem perdendo. “O importador capitalizado, mas que ainda tem acesso ao financiamento, está alugando es-

sas linhas – pagando a vista e investindo o crédito em aplicações mais rentáveis”, diz Blanche. Já quem não tem a linha e não está capitalizado precisa recorrer ao financiamento interno, caro e às vezes inexistente.

Segundo Luli Coutinho, presidente da Associação Brasileira das Empresas Trading (Abce), quem não tem acesso às linhas comerciais está recorrendo ao BNDES ou tentando se financiar no exterior.

José Augusto de Castro, diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil, acha que o acordo com o FMI restabelecerá as linhas rapidamente. “Os números foram excelentes: esperávamos um colchão de solteiro e veio um king size.” Segundo ele, não é a primeira vez que as linhas são usadas em arbitragem.

JJ Leister/AE



Giannetti, ex-secretário da Camex: ‘Arbitragem lamentável’